

Um pouco do debate teórico-metodológico da Sociologia da Literatura contemporânea: tradições, tendências, problemas e propostas disciplinares

Onildo Araújo Correa¹

*Recebido em março de 2023
Aceito em novembro de 2023*

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo traçar as linhas gerais do debate contemporâneo sobre as práticas da Sociologia da Literatura: tradições, tendências, problemas e propostas disciplinares. Toma por objeto de investigação artigos autoinseridos nessa área sociológica de pesquisa, circunscritos exclusivamente ao período de 2010-2019, de modo a apresentar um balanço sobre o debate. A Sociologia da Literatura é um subcampo da sociologia que está se consolidando no século XXI, embora ainda siga encontrando dificuldades em se firmar institucionalmente e estabelecer consensos teóricos e metodológicos. Apesar da pluralidade de abordagens, os sociólogos da literatura parecem convergir, mais recentemente, no sentido da superação do *reflexo* como um horizonte compartilhado de pesquisa sociológica do objeto literário. Isso vem atribuindo à literatura um caráter não determinado, constituído e constituinte dos valores, ideais e imaginários produzidos através de um vasto conjunto de relações e regras que compõem o fenômeno literário. A metodologia utilizada para essa pesquisa foi a revisão sistemática de literatura. Isto é, a partir do Portal de Periódicos CAPES, com uma amostragem de 14 artigos produzidos no período selecionado, foram analisados como os autores contemporâneos refletem sobre as práticas da Sociologia da Literatura.

Palavras-chave: Revisão sistemática da literatura; Sociologia da Literatura; Sociologia da Arte; Metodologia em Ciências Sociais.

A bit of the theoretical-methodological debate on the contemporary sociology of literature: traditions, trends, issues and disciplinary proposals

ABSTRACT

This article aims to outline the general contours of the contemporary debate on the practices of the Sociology of Literature: traditions, trends, issues and proposals. It focuses on articles self-inserted in this sociological research area, exclusively circumscribed to the period of 2010 – 2019, to provide an overview of the discussion. Sociology of Literature is a subfield of sociology that is consolidating itself in the 21st century, although it still faces challenges in establishing itself institutionally and achieving theoretical and methodological consensus. Despite the plurality of approaches, sociologists of literature seem to converge, more recently, towards overcoming reflection as a shared horizon for sociological research on the literary object. This attributes to literature an undetermined character, constituted and constitutive of values, ideals, imaginaries produced through a vast set of relations and rules that make up the literary

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Mestrando em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA – UFRJ). Bolsista CAPES. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5600-7904>. Email para contato: onildo.araujo.correa@gmail.com.

phenomenon. The methodology used for this research was the systematic literature review. That is, from the CAPES periodicals portal, with a sample of 14 articles produced in the selected period, the study analyzed how the authors reflect on the practices of the Sociology of Literature.

Keywords: Systematic literature review; Sociology of Literature; Sociology of Art; Social Sciences Methodology.

Introdução

Desde o surgimento da Sociologia como hoje a concebemos — isto é, enquanto uma disciplina científica de interpretação das diversas dinâmicas sociais, com um corpo teórico-metodológico próprio e, sobretudo, relacionada às questões colocadas pelo inédito mundo moderno que emergia a partir da virada para o século XIX — a arte e a literatura já figuravam como objetos pertinentes aos objetivos da Sociologia e do pensamento social (VILARINHO, 2019). Sobre isso, é possível citar os trabalhos ensaísticos de Georg Simmel, algumas passagens de Max Weber e Karl Marx, e, principalmente, trabalhos dos sucessores marxistas mais imediatos no início do século XX, como Georg Lukács ou a Escola de Frankfurt, sobre literatura, arte e cultura em geral (apenas para ficar na evidente exemplificação introdutória). Portanto, pode-se afirmar que, desde o alvorecer da Sociologia, já havia um interesse no romance moderno como recurso de captação de evidências empíricas para reflexões sociológicas. Isso porque, esse gênero literário, em diversos países da Europa, foi a principal forma artística do Estado-nação e um mecanismo de expressão da burguesia em ascensão, constituindo papel proeminente na formação do mundo moderno (FRANSSSEN; KUIPERS, 2015; WATT, 2019).

Além do texto literário e demais elementos estéticos enquanto objetos de investigação científica, durante o período clássico da Sociologia, a arte ocupou um papel igualmente fundamental no sentido da formação intelectual dos sociólogos, filósofos, antropólogos, etc. Não sendo raro nos depararmos com as mais diversas referências literárias, diretas ou indiretas, que serviam desde mecanismo ilustrativo até a sinalização de erudição. De grandes artistas da música, tal qual Wagner foi para o filósofo Nietzsche, até obras e autores reconhecidos da literatura, como Honoré de Balzac, Gustave Flaubert e Fiódor Dostoiévski, fizeram-se presentes na vida dos intelectuais e nos seus textos

científicos. Retira-se disso um ponto importante: além de um horizonte de pesquisa, a arte figurou como elemento compositivo da formação subjetiva dos agentes intelectuais. O que não é trivial, pois evidencia que houve uma relação de íntima aproximação entre a formação da ciência moderna, sobretudo das ciências humanas, com as produções artísticas (SEVÄNEN, 2018).

A relação inversa também é notada. A literatura produzida na nascente era moderna se colocou de modo dialógico às reflexões científicas. Em certos momentos, passou a se autocompreender como uma forma legítima — embora jamais exclusiva — de discurso técnico-científico sobre a realidade social, supostamente desvelando dinâmicas latentes da sociedade por meio de elaborações narrativas próprias, que se assemelhavam a “estudos” ou “teses”. Consequentemente, a literatura chegou a disputar o espaço de primazia do discurso sobre a civilização moderna, de modo que, naquela altura, a “estética” ainda era entendida como portadora de valor epistêmico (TEIXEIRA, 2018; SEVÄNEN, 2018). Isso se nota, principalmente, na vertente realista-naturalista de ficção, tanto a brasileira, cujo apogeu se deu entre 1880 e 1900, quanto em relação à original estrangeira, encabeçada pelo literato francês Émile Zola (SÜSSEKIND, 1984).

Apesar desse contexto de dupla aproximação, ao longo do desenvolvimento das ciências humanas, uma das principais frentes de batalha da ciência se tornou o esforço para se definir como o único discurso válido sobre a sociedade, e o cientista como o agente exclusivo do saber (LEENHARDT, 2018). Os sentidos de distinção entre ciência e estética acabaram por tomar posição mais proeminente do que os de aproximação. Sendo apenas a ciência vista como produtora de epistemes, isto é, “conhecimentos verdadeiros”.

Um dos exemplos que revelam essa distinção foi o ideal de condicionamento de gênero para o consumo de textos. Enquanto romances eram considerados leitura “de mulher”, a ciência, considerada dotada de elementos “racionais”, seria um objeto masculino de consumo. Ambos, evidentemente, voltados para a apreciação dos ocupantes de estratos superiores da sociedade (PUCHNER, 2019). Em um contexto de supra-hegemonia dos valores masculinistas modernos, protagonizados pela Europa do século XIX, essa foi uma forma de apontar a exclusividade masculina no

desenvolvimento epistêmico e do discurso científico, ao mesmo tempo em que se reafirmava o que acreditavam ser o indiscutível valor moral superior da ciência.

Esse embate pela primazia do discurso sobre a sociedade gerou algumas consequências diretas. Quando a ciência se voltava para a literatura como objeto de pesquisa, na primeira metade do século XX, por exemplo, havia um esforço para qualificá-la como submissa às lógicas sociais que lhe seriam externas, conseqüentemente, apontando-a como um discurso de menor valor, incapaz de produzir legítimas interpretações sobre a realidade (SEVÄNEN, 2018). A literatura, daí, foi hegemonicamente considerada um epifenômeno, seja das estruturas, seja das relações sociais, seja da totalidade do social, a depender da vertente teórica do cientista social em questão, o que acabava por transformar a arte em uma parte menor, causada e simplesmente aprisionada aos condicionantes que lhe seriam inerentes.

Então, se por um lado, desde os primórdios da Sociologia a literatura já aparece como objeto de investigação e um elemento formativo da subjetividade dos agentes intelectuais, por outro, logo passou a ser vista como um recurso apenas ilustrativo de certos fundamentos externos ao texto, estes, sim, importantes para a compreensão da realidade (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018). Entendia-se que a arte não possuía um caráter de especificidade também formadora de mundos, mas de produto determinado, sendo definida, portanto, pela chave conceitual do *reflexo*. Enquanto, do lado oposto, o discurso científico ocupou uma privilegiada posição como o único capaz de ser propriamente reflexivo. Em outras palavras, a literatura era tida como um espelho do mundo, e a ciência ainda não havia passado pelo importante debate epistemológico que colocaria em xeque o seu estatuto positivista (BOTELHO; HOELZ, 2016).

Essas relações estabelecidas historicamente entre “literatura” e “ciência”, figuraram, a partir da segunda metade do século XX, como um tema central de debate para o que ficou convencionado como “Sociologia da Literatura”. E, mesmo no século XXI, ainda vemos o predomínio de questões a isso relacionadas nortear o debate acadêmico: onde realmente começa uma e termina a outra; ou, assumindo-as como essencialmente distintas, quais as especificidades que as separam efetivamente? Discussão que se pode notar, ora tangencialmente, ora centralmente, em diversos artigos recentes sobre Sociologia da Literatura, incluindo a publicação de uma das mais

importantes sociólogas na contemporaneidade, Wendy Griswold (2018), cujo objetivo se voltou exclusivamente para a discussão das especificidades que distinguem o discurso literário do científico, bem como o valor de cada uma dessas práticas discursivas.

Até onde podemos observar, a bibliografia indica que o debate contemporâneo vem se esforçando para demonstrar como as obras literárias, embora jamais possam ser igualadas ao discurso científico no sentido positivista de conhecimento, ainda são um importante instrumento de interpretação do social, intervenção política engajada e agenciadoras de práticas sociais diversas. E mais, a Sociologia da Literatura vem indicando que o objeto literário sempre foi um importante codificador de valores, comportamentos, imaginários e sentimentos ao longo da história. Nas palavras de Eliane Soares (2014, p. 90): “literatura não é sociologia, nem é realidade, mas certamente pode ser um instrumento de potencialização de nossa imaginação sociológica”.

Disso emerge a atual problemática da área: a literatura tida como um “espelho” do mundo. Esse tipo de paradigma, influenciado principalmente pelas contribuições teóricas marxistas sobre literatura na primeira metade do século XX, como o já citado Georg Lukács, mas também Lucien Goldmann, Althusser, etc. perdurou por muito tempo como referencial paradigmático de como abordar a literatura enquanto objeto sociológico de pesquisa (BOTELHO; HOELZ, 2016). Nesse tipo de perspectiva, o texto literário se torna uma ponte de acesso para os seus “produtores” (sociedade, autor, estrutura, contexto histórico, etc.). Logo, embora se analisem textos literários, o objeto efetivo de investigação reside fora do texto, nas suas causas (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018). A bibliografia contemporânea tem se esforçado para empreender uma superação desse paradigma, atribuindo à literatura um sentido mais relacional, embora jamais autônomo ao mundo.

Nesse sentido, podemos dizer que há um certo consenso na bibliografia de que, antes de 1960-70, ainda não havia uma disciplina “Sociologia da Literatura” em sentido próprio, embora a literatura, enquanto objeto de pesquisa e elemento de aprendizado intelectual e social, já estivesse presente desde muito antes (BARNWELL, 2015; LEENHARDT, 2018; VILARINHO, 2019; SĖVANEN, 2018). Ademais, apesar do campo da Sociologia da Literatura estar se firmando rapidamente no século XXI, percebe-se que a pauta central do debate ainda reside sobre marcar um distanciamento à tradição

estabelecida sobre os estudos sociológicos da literatura anteriores à década de 60. Os autores vêm se esforçando para delimitar as fronteiras da área, justificar sua existência e romper com o ideal do reflexo, reinserindo a literatura como parte constituinte e constitutiva do mundo (BOTELHO; HOELZ, 2016) e uma forma própria de discurso e conhecimento sobre a sociedade (SĖVANEN, 2018; GAUDEZ, 2018; SOARES, 2014), mesmo que não existam — e parece que desde a década de 1980 todos em algum grau concordam — muitos consensos teóricos e metodológicos estabelecidos (ENGLISH, 2010). Segundo Ashley Barnwell (2015), é provável que jamais haja. Portanto, o debate contemporâneo sobre Sociologia da Literatura vem se caracterizando pela pluralidade conflituosa de abordagens da disciplina e pela vista como necessária afirmação institucional. Daí, o que se vê nos artigos recentes é a tendência por um resgate crítico da história dessa disciplina e da história da própria literatura de ficção, na tentativa de construir algumas possíveis fronteiras disciplinares e, quem sabe, acordos teórico-metodológicos internos em prol de novos paradigmas para o futuro, que consolidem a percepção de que textos literários não são epifenômenos, mas produtos e produtores do mundo.

Objetivos e metodologia

Com vistas a alcançar o objetivo do trabalho, isto é, traçar as linhas gerais do debate contemporâneo sobre a Sociologia da Literatura, foram compilados uma série de artigos que envolvem tal discussão. Seguindo essa lógica, não foram selecionadas produções empíricas e/ou analíticas de objetos literários, cuja produção é crescente e diversificada. Nos restringimos aos trabalhos que apresentassem reflexões específicas sobre a disciplina: seu passado, presente e futuro; objetos, teorias e métodos; problemas e soluções, etc. Ou seja, artigos que tomam a prática sociológica voltada à literatura como objeto central de discussão; logo, textos que propõem algum tipo de autorreflexão disciplinar. Para tanto, concentrando-se no que há de mais atualizado no debate contemporâneo, foram selecionados artigos produzidos de 2010 a 2019, como forma de apresentar, ao leitor, as discussões recentes sobre a área.

Utilizando o Portal de Periódicos CAPES como mecanismo de coleta², foi constituída uma amostragem de 14 artigos, nacionais e internacionais. Para constituir esse escopo, duas buscas foram realizadas no portal em outubro de 2022, uma com termos em português, outra em inglês. Sobre o método de seleção, buscamos exclusivamente por artigos revisados por pares que contivessem especificamente a frase “Sociologia da Literatura” em qualquer parte do seu corpo textual. Deparando-se com um total de 25 publicações revisadas por pares em língua portuguesa no período de 2010-2019, foram selecionadas as produções que atendem à expectativa do objetivo do trabalho. O mesmo processo foi feito com a expressão “Sociology of Literature”, obtendo um número de 99 artigos publicados e revisados em língua inglesa no período. Do total de 114 artigos obtidos em ambas as línguas, a partir da leitura exploratória, foram filtrados 14 trabalhos que discutiam sobre o universo histórico ou teórico-metodológico dessa área de pesquisa. Note que a maior parte dos 114 textos encontrados não apresentavam a própria disciplina como objeto central da discussão, eram, majoritariamente, estudos empíricos de obras, autores ou escolas literárias, referindo-se a disciplina apenas enquanto vínculo teórico-metodológico. Disso resulta a discrepância entre a quantidade de artigos encontrados e o número de textos efetivamente selecionados para a leitura comparada.

Vale mencionar, ainda, como é notável o fato da produção acadêmica em Sociologia da Literatura se concentrar, proeminentemente, em trabalhos estrangeiros. Todavia, no Brasil, como indicado pela bibliografia, esse debate está em ascensão. Ao longo de toda a primeira década do século XXI (2000-2009), por exemplo, o portal de periódicos CAPES indica apenas 8 artigos publicados em língua portuguesa nos termos em questão, frente aos 25 publicados no período seguinte, de 2010 a 2019.

Por fim, feita a delimitação do universo empírico, os *papers* foram analisados a partir dos métodos da revisão sistemática de literatura, estabelecendo um sentido comparativo sistemático entre os textos em busca de seus padrões e dissidências. Informações sobre os trabalhos analisados estão discriminados na tabela a seguir.

² Link do portal: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Trata-se de um dos maiores acervos científicos virtuais do país.

FIGURA 1 - QUADRO DE PAPERS ANALISADOS

Autor	Título	Revista	Idioma original	Data
Murilo Chaves Vilarinho	Algumas reflexões sobre o texto literário: elemento de representação da memória, aspecto para a conformação de estudos sociológicos da literatura	Revista Mosaico-Revista de História	português	2019
Florent Gaudet	Criar, resistir, escrever: arte, imaginário e engajamento	Sociologias	francês	2018
Jacques Leenhardt	Existência e objeto da “sociologia da literatura”, hoje	Sociologias	francês	2018
Wendy Griswold	Capacidades formais e compreensões relacionais: ganância na literatura, na arte e na sociologia	Sociologias	inglês	2018
Erkki Sëvanen	Literatura Moderna como forma de discurso e de conhecimento sobre a sociedade	Sociologias	Inglês	2018

Ana Lucia Teixeira	Literatura e sociologia: relações de mútua incitação	Sociologias	português	2018
Paulo Cesar Borges Alves; Andrea Borges Leão; Ana Lucia Teixeira	Sociologia da Literatura: tradições e tendências contemporâneas	Revista Brasileira de Sociologia	português	2018
Rodrigo Prado Bittencourt	O lucro adiado: conceito essencial da sociologia da literatura de Bourdieu	Estudos de Sociologia	português	2017
André Pereira Botelho; Mauricio Hoelz	Sociologias da literatura: do reflexo à reflexividade	Tempo Social	português	2016
Ashley Barnwell	Enduring divisions: Critique, method, and questions of value in the sociology of literature	Cultural Sociology	inglês	2015
Thomas Franssen; Giseline Kuipers	Sociology of literature and publishing in the early 21st century: away from the centre	New Literary History	inglês	2015
Rosano Freire	Nas sociologias da literatura de	Revista Brasileira de Sociologia	português	2015

	Pierre Bourdieu e Raymond Williams, que espaço há para a análise do objeto artístico?			
Eliane Veras Soares	Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia	Civitas: Revista de Ciências Sociais	português	2014
James English	Everywhere and Nowhere: The Sociology of Literature After the Sociology of Literature	New Literary History	inglês	2010

Fonte: o autor, 2023.

Revisão bibliográfica: a história dos estudos de literatura até 1960

Não é de modo algum recente o interesse intelectual para com a relação entre *sociedade* e *literatura*, seja lá o que outrora se compreendesse por cada um desses pólos, ou mesmo os sentidos específicos atribuídos a essa tal *relação* (BOTELHO; HOELZ, 2016). Já na primeira metade do século XX, importantes autores marxistas da época, como Georges Plekhanov (1856-1918), Georges Lukács (1885-1971), Walter Benjamin (1892-1940), Arnold Hauser (1892-1978), Pierre Francastel (1900-1970), Theodor Adorno (1903-1969), Lucien Goldmann (1913-1970), entre outros associados ao estruturalismo clássico, estavam a lograr importante sucesso na tentativa de estabelecer a literatura moderna como uma fonte proeminente de investigação especializada do mundo (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018; SEVÄNEN, 2018). Esses autores inauguraram incorporações sistemáticas de aspectos àquela altura pouco trabalhados nos estudos das Letras, tal como as dinâmicas sociais de produção, circulação e recepção das obras, que,

futuramente, em certa medida, alimentaria a perspectiva bourdieusiana e a posterior escola francesa dos estudos sobre a literatura, cujo interesse principal viria a ser capturar os fundamentos internos do “campo literário”. Isso tudo considerando que o próprio Pierre Bourdieu tenha pessoalmente recusado tais filiações (FREIRE, 2015; PRADO BITTENCOURT, 2017).

Nessa primeira fase, a literatura deixava de ser vista como *apenas* texto. Os sentidos e as significações, que antes eram considerados objetivamente textualizados através da elaboração criativa de um autor inserido num movimento estético, passaram a ser tratados como o produto comunicativo de uma rede complexa de relações estruturadas. Isso não quer dizer que os marxistas e os estruturalistas, por exemplo, tenham abandonado os interesses hermenêuticos-estéticos por completo, mas os tornaram circunscritos aos fatores sociais que lhe seriam externos (SEVÄNEN, 2018). Nesse sentido, pode-se dizer que eles constituíram uma corrente denominada posteriormente como “estética sociológica”, que tendia a “desidealizar a obra literária”, buscando na literatura as suas causas sociais (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018, p. 228). O mérito desses autores foi, em grande medida, a transformação da literatura em um objeto sociologicamente pertinente de investigação, que se colocava de modo alternativo, embora de modo algum completamente substitutivo, às incursões nos campos da crítica literária e da estética filosófica, vertentes igualmente fundamentais e populares. Todavia, essa “desidealização” não veio sem um preço, já que graças a ela perdeu-se do horizonte as especificidades do literário e os sentidos próprios da relação entre textos e mundo.

A “estética sociológica” teve duas características principais. Primeiro, ainda não havia de fato uma disciplina institucionalizada que hoje denominamos de “Sociologia da Literatura” (BARNWELL, 2015), tampouco matrizes teórico-metodológicas compartilhadas e fronteiras epistemológicas pré-definidas num corpo intelectual coeso (GAUDEZ, 2018). Os autores se aproximavam mais pelo objeto de análise em comum do que propriamente algum tipo de filiação teórica ou institucional. Segundo, imperava nestes estudos da literatura, seja de modo intencional ou não, o predomínio de uma perspectiva idealizada de *reflexo* do texto literário, como se a literatura fosse, metaforicamente, um tipo de espelho direcionado para a sociedade (GRISWOLD, 1981;

BOTELHO; HOELZ, 2016; SEVÄNEN, 2018). Em geral, significa dizer que eles compreendiam a obra literária como um mecanismo intermediário de acesso para as dinâmicas do social, com os resultados artísticos compondo um tipo de dualidade formada pelos polos *literatura* e *sociedade*, com a literatura, por consequência, habitando uma inevitável posição abstrata em relação à realidade objetiva que lhe teria sido o real vetor causal. Objetivava-se ler a sociedade no livro, interpretando o *reflexo* do mundo impresso no texto. Tal ênfase transformava o objeto literário num produto submisso às dinâmicas sociais.

Quando não isso, o oposto se fez proeminente nessa primeira metade do século XX. Os autores mencionam os estudos literários menos interessados com as explicações de tom sociológico. Estes tendiam a ver a obra literária como um objeto de análise suficiente em si, bastando o escrutínio das profundezas dos livros para lá encontrar as formas, significados e relações sintagmáticas importantes; para então, quando necessário, realizar as comparações entre autores, gêneros ou movimentos literários em busca das “qualidades estética e mudanças estilísticas” (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018, p. 228). Portanto, de um lado, o interesse primordial pelas externalidades da obra, do outro, o interesse por suas profundezas léxicas e qualidades estéticas.

A bibliografia indica que foi diante desse cenário, aqui simplificado, que começou a emergir um movimento intelectual por volta dos anos 1960. Buscavam a caracterização e institucionalização do que acreditavam ser uma apropriada “Sociologia da Literatura”, possivelmente superando tanto o paradigma do reflexo como as perspectivas idealizantes do literário. Com essa finalidade, tentava-se integrar o que seriam as dimensões “externas” e “internas” das obras literárias, isto é, quebrar as fronteiras estanques que então compunham a relação literatura-sociedade e substituir as causalidades unilaterais por perspectivas dialógicas, compondo um quadro cuja ênfase estaria mais nas *relações* e menos nas suas partes individualmente. Erkki Sevänen (2018) argumenta que essa guinada esteve diretamente relacionada com a insurgência do movimento pós-estruturalista nas ciências sociais da época, sobretudo na França, que propunha romper com o estruturalismo da primeira metade do século XX, como também com a crescente filosofia hermenêutico-fenomenológica de autores como Hans Georg-Gadamer e Paul Ricoeur. Ainda segundo o autor, algumas das obras mais

importantes nesse momento de transição são: *The long revolution* [1961], Raymond Williams; *Obra aberta* [1962], Umberto Eco; *S/Z* [1970], Roland Barthes. Ao qual acrescentaria, no contexto brasileiro, *Literatura e Sociedade*, publicada pela primeira vez em 1965 por Antonio Candido. Essa obra é um marco teórico para a Sociologia da Literatura brasileira, com o mérito de articular Letras e Ciências Sociais de modo até então inovador.

Tradições e tendência da Sociologia da Literatura

Com fins de delinear esta vasta tradição de pesquisa, nota-se a categorização de três alinhamentos teórico-metodológicos predominantes nos estudos sociológicos da literatura. São eles: a onda da “estética sociológica”, a corrente denominada “crítica literária” (ou “estudos culturais”), e por fim, a perspectiva dos “estudos históricos” (ou “nova história cultural”). Cabe adiantar que os debates da última década (2010-2019) salientam as diferentes expectativas no tratamento da literatura como objeto da sociologia, mesmo que estas partilhem de um corpus teórico semelhante, como no caso das abordagens que se fundamentam ou discutem com a perspectiva marxista.

Primeiro, a já mencionada “estética sociológica”. Trata-se de uma perspectiva associada majoritariamente a autores de cunho marxista pré década de 1980, mas que evidentemente permanecem presentes em pesquisas contemporâneas. Nesse tipo de corrente, busca-se analisar a obra literária de acordo com fatores externos à própria obra. Ou seja, a obra apresenta-se como um mecanismo de acesso ao “mundo”, pelo qual o investigador é capaz de observar fatores culturais, políticos, etc., relacionados à sociedade em que o texto foi produzido. “A ‘estética sociológica’ considera a literatura como a evidência de aspectos do mundo social” (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018, p. 228). Entre os grandes nomes mais próximos dessa corrente, aparecem: Georges Plekhanov, Georges Lukács, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Arnold Hauser, Lucien Goldmann, Pierre Francastel; e, no caso brasileiro: Antonio Candido, Carlos Nelson Coutinho, Octávio Ianni, Leandro Konder, Nelson Werneck Sodré, Roberto Schwarz (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018).

Em segundo lugar, a corrente denominada de “crítica literária”, ou “estudos culturais”. Essa perspectiva teórico-metodológica, embora particular, compartilha uma característica fundamental em comum com a anterior. Em ambas as vertentes o texto tem um papel centralizado no processo analítico. Constituem-se, dessa forma, como o meio principal para se alcançar fatores externos à obra (BOTELHO, HOELZ, 2016). No caso da “crítica literária”, primeiramente, há o interesse por analisar “qualidades estéticas”, tais como características literárias marcantes relacionadas a elementos estéticos formais: técnicas, gêneros, relações sintagmáticas, conteúdo da linguagem e influências estéticas (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018, p. 228). Ao tempo que busca no texto fatores sociais singulares que se expressam através dos formalismos da linguagem literária. Essa abordagem possui uma diversidade metodológica considerável. Como exemplo notável, a perspectiva cultural-marxista de Raymond Williams, através do seu conceito de estrutura de sentimentos (FREIRE, 2015). Entre os principais nomes, temos: Ortega y Gasset, René Wellek, Erich Auerbach, Ian Watt, Michel Zérafra, Mikhail Bakhtin, Roman Jakobson, Roland Barthes, Leo Spitzer, Paul de Man (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018).

Por último, temos a corrente denominada de “estudos históricos”, ou “nova história cultural” que, distintamente das anteriores, busca descentralizar o “texto” no processo analítico. Nesse tipo de vertente, há a pretensão de desenvolver uma abordagem focada em compreender formas de expressão de uma época. Assim como “percursos intelectuais, status e identidade do artista, constituição de público, instituições sociais e culturais que viabilizam a criação da obra” (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018, p. 229). Ou seja, os procedimentos teórico-metodológicos dos “estudos históricos” da literatura visam romper com as fronteiras propriamente textuais para, desse modo, debruçar-se sobre o sentido relacional do literário com os contextos socioculturais, que propiciam os meios de produção, divulgação e circulação da obra. Dois nomes emblemáticos nesse tipo de vertente são Franco Moretti, através da sua abordagem quantitativa e geográfica (BOTELHO, HOELZ, 2016), e Pierre Bourdieu, cujo interesse se pautou no estudo dos fundamentos internos do “campo literário”, dando preferência a pesquisar como os sujeitos da literatura se movimentam dentro de um determinado conjunto de regras, competindo em prol dos recursos materiais e

simbólicos, e relegando, por consequência, o objeto artístico a uma forma de menor interesse (FREIRE, 2015; PRADO BITTENCOURT, 2017). Nomes importantes que compõem esse tipo de abordagem são: Peter Burke, Christophe Charle, Michael Pollak, Roger Chartier, Robert Darnton, Pau Bénichou (BOTELHO, HOELZ, 2016).

Paulo Alves, Andreia Leão e Ana Lúcia Teixeira (2018) deixam claro que essas três vertentes gerais não esgotam, de modo algum, a vasta pluralidade encontrada na Sociologia da Literatura, mas servem como um ponto de partida pertinente para uma compreensão mais organizada desse campo. No interior de cada vertente existem diversas possibilidades de abordagens do objeto literário. Tanto que Gisele Sapiro (2019), também na tentativa de organizar essa multiplicidade da Sociologia da Literatura, cataloga abordagens como as de Robert Escarpit, que considera a literatura como um ato de comunicação; Richard Hoggart, que fundou as bases de uma sociologia da recepção das obras literárias; Jacques Dubois com a noção de instituição literária; as teorias do polissistema dos anos 1970-90; e o interacionismo simbólico de Howard Becker. A multiplicidade se tornou a característica central dessa disciplina. Não é à toa que André Botelho e Mauricio Hoelz (2016) abrem seu artigo dizendo que estamos a tratar de “sociologias da literatura”, no plural.

O problema institucional e a busca pela superação do “reflexo” como chave teórica

A bibliografia consultada está de pleno acordo sobre o crescimento recente da Sociologia da Literatura. É notório como o quantitativo de livros e artigos vem aumentando nas últimas décadas (FRANSSEN; KUIPERS, 2015). Do mesmo modo, a diversidade teórica e metodológica encontrada demonstram o crescimento plural, em múltiplas direções, que vem definindo essa área como de difícil delimitação teórica unitária, embora com instigante riqueza (BARNWELL, 2015; BOTELHO; HOELZ, 2016; LEENHARDT, 2018). Entre os problemas contemporâneos considerados pela bibliografia, está a questão da dificuldade de adesão institucional da Sociologia da Literatura, sobretudo nos Estados Unidos. A maior parte das pesquisas empíricas sobre literatura não se autodefine como tal. Em geral, esses estudos estão principalmente

inseridos nos “Estudos Literários”, interessados nas relações entre literatura e sociedade, e em áreas como na sociologia da cultura, da arte, dos intelectuais e do pensamento social. Embora seja evidente como muitos destes estudos incorporam os avanços recentes da Sociologia da Literatura, mesmo sem referenciá-las.

Nos Estados Unidos, a Sociologia da Literatura é uma parte institucionalmente submissa ao campo dos estudos culturais. Segundo Ashley Barnwell (2015), isso se deve principalmente à divisão departamental entre ciências e artes, característica das universidades estadunidenses. Daí ser perceptível como a abertura para pesquisas com objetos literários nos departamentos de Sociologia ainda é limitada, embora o Cinema tenha sido capaz de conquistar maior adesão institucional nos estudos sociológicos. No caso estadunidense, a autora pontua que se faz “Sociologia da Literatura” nos mais diversos espaços acadêmicos, mas em menor grau nos espaços próprios da “Sociologia”. Portanto, entende-se enquanto uma das necessidades urgentes a melhor adesão desse campo de pesquisa, principalmente por meio da construção de agendas de pesquisas, avanços teórico-metodológicos, e melhor reflexão sobre as capacidades específicas da Sociologia da Literatura em discutir dinâmicas sociais, sobretudo aquelas que se expressam de modo mais nítido no fenômeno literário, ou que só por meio deste se faz acessível (GAUDEZ, 2018).

Nesse sentido, o debate atual tende a compreender a literatura para além de uma simples fonte de entretenimento ao ócio dos letrados; embora, evidentemente, também isso o seja. Acontece que ler e escrever são atos produtivos de intersubjetividade, cuja consequência rompe as fronteiras da produção do lazer (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018). Mesmo que o leitor se volte para o texto com esse espírito, novas dimensões surgem da relação estabelecida entre o sujeito e o livro (GAUDEZ, 2018; FRANSSEN; KUIPERS, 2015). Da mesma forma, é problemático considerar que a literatura seja meramente um objeto estético de qualquer modo desacoplado da sociedade. Isso porque nem o suposto valor ou significado de uma obra poderiam ser definidos a desconsiderar os fatores sociais aos quais estamos todos em alguma medida inseridos, nem a produção da mesma é fruto exclusivo da mente genial de algum sujeito tal e qual (SOARES, 2014). Trata-se, de acordo com Antonio Candido (2006 *apud* ALVES, LEÃO E TEIXEIRA, 2018, p. 224), de um sistema simbólico de comunicação, cuja obra é

parte de diversos processos sociais de produção, tal como “o autor socialmente posicionado, o mercado de produção dos livros, o texto e seus significados coletivos, o leitor e os efeitos da recepção, etc.”.

Contudo, entende-se que estes elementos de teor social não fazem da literatura um espelho do social, como se estabeleceu na primeira metade do século XX (ALVES; LEÃO; TEIXEIRA, 2018; GRISWOLD, 2018). Como certa vez escreveu o ilustre poeta Vladimir Maiakovski (1893-1930): “a arte não é um espelho do mundo, mas um martelo para forjá-lo”. Embora seja bem verdade que essa frase carrega demasiadamente o peso de um poeta russo revolucionário, circunscrito ao período da revolução bolchevique, podemos daí retirar a ilustração de como a literatura passou a ser vista não habitando uma abstrata posição externa e condicionada aos limites do social, de modo a refleti-lo objetivamente por meio dos seus enunciados textuais. Antes, ela é um objeto *do* e *no* próprio mundo, a ele tanto devendo referência, como o modificando através do impacto da sua concretude, inserida em processos sociais que compõem o fenômeno literário (BOTELHO; HOELZ, 2016).

Portanto, com vistas a um dos poucos consensos entre os autores compilados, deve-se ter em mente que a compreensão sociológica de um texto de ficção, de qualquer tempo ou lugar, não nos coloca diante de um reflexo fidedigno das externalidades da obra. Uma posição que remete diretamente ao desenvolvimento teórico da disciplina a partir, sobretudo, da década de 1980. Mas, não devendo a literatura ser investigada pela chave do *reflexo*, que agenda deveríamos empreender? Uma das propostas na sociologia contemporânea, entre tantas outras possíveis, vêm dos pesquisadores André Botelho e Maurício Hoelz (2016), segundo os quais a literatura se define enquanto um processo de mútua simbiose entre literatura e sociedade, cujos termos dessa relação guardam importantes especificidades. Seria justamente no sentido da *relação* que reside a unidade de análise mais rica para a Sociologia da Literatura.

Note, contudo, que os termos “literatura” e “sociedade”, nesse caso, não estão a se configurar nos moldes de uma dualidade. Os autores demonstram como são antes termos mutuamente implicados na relação reflexiva que formam. Do mesmo modo que há sempre uma sociedade presentificada no livro, este, a partir do seu nascimento, se torna inexoravelmente parte integrante e força modeladora do universo coletivo

humano, carregando em si potencialidades construtivas da realidade. A partir do arcabouço de Giddens e Luhmann, eles defendem que a literatura compõe uma parte constitutiva e constituinte da construção do social (BOTELHO; HOELZ, 2016, p. 284). Isto é, a obra literária é parte de um sistema comunicativo que representa o universo a seu modo, e como consequência de todo e qualquer processo de representação, distorce o mundo, moldando-o ao seu interesse; portanto, menos do que reflexo, a literatura, para os autores, seria reflexividade (BOTELHO; HOELZ, 2016).

Considerações finais

A partir deste sobrevoo sobre o debate atual da Sociologia da Literatura, utilizando artigos publicados entre 2010 e 2019 sobre a própria prática da disciplina, suas tradições, limites, obstáculos, soluções, podemos notar que, embora em ascensão, entende-se haver uma série de desafios tidos como centrais para o amadurecimento de uma agenda propriamente sociológica do objeto literário. Desde a conquista de um espaço institucional próprio, até a valorização acadêmica dessa área do saber e, principalmente, a superação do paradigma de que a literatura seria um espelho do mundo social. Esse tipo de abordagem, embora hegemônica durante o século XIX e na primeira metade do século XX, permanece a ressoar no século XXI, transformando o discurso literário em prática subjacente a determinantes sociais. Daí a ideia da literatura como apenas reprodutora de relações ser o alvo teórico prioritário. Portanto, embora historicamente a literatura seja um objeto de pesquisa desde o nascimento das ciências sociais, tratá-la a partir de suas especificidades constituídas e constituintes das relações sociais é mote recente, que se vê predominar nos artigos atuais, nacionais e internacionais.

Por fim, o grande ponto de dissidência se aproxima mais à questão sobre quais os caminhos tomar em prol da superação dessa chave pouco relacional da literatura. Alguns autores dão ênfase às relações estabelecidas entre o leitor e o livro, tal qual Janice Radway; outros, aos elementos históricos e representativos dos ciclos literários, como Franco Moretti; ou as capacidades de codificar comportamentos e sentimentos, como

Niklas Luhmann, e daí por diante. A questão é que o horizonte está dado. Os caminhos são variados e repletos de possibilidades de pesquisa.

Referências

ALVES, Paulo Cesar; LEÃO, Andréa Borges; TEIXEIRA, Ana Lúcia. Sociologia da Literatura: tradições e tendências contemporâneas. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p. 222-241, 2018.

BARNWELL, Ashley. Enduring divisions: Critique, method, and questions of value in the sociology of literature. **Cultural Sociology**, v. 9, n. 4, p. 550-566, 2015.

BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. Sociologias da literatura: do reflexo à reflexividade. **Tempo social**, v. 28, p. 263-287, 2016.

ENGLISH, James F. Everywhere and Nowhere: The Sociology of Literature After "the Sociology of Literature". **New literary history**, v. 41, n. 2, p. v-xxiii, 2010.

FRANSSEN, Thomas; KUIPERS, Giseline. Sociology of literature and publishing in the early 21st century: Away from the centre. **Cultural Sociology**, v. 9, n. 3, p. 291-295, 2015.

FREIRE, Rosano. Nas sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams, que espaço há para a análise do objeto artístico?. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 3, n. 6, p. 73-92, 2015.

GAUDEZ, Florent. Criar, resistir, escrever: arte, imaginário e engajamento. **Sociologias**, v. 20, p. 106-122, 2018.

GRISWOLD, Wendy. Capacidades formais e compreensões relacionais: ganância na literatura, na arte e na sociologia. **Sociologias**, v. 20, p. 86-104, 2018.

GRISWOLD, Wendy. American character and the American novel: An expansion of reflection theory in the sociology of literature. **American Journal of Sociology**, v. 86, n. 4, p. 740-765, 1981.

LEENHARDT, Jacques. Existência e objeto da "sociologia da literatura", hoje. **Sociologias**, v. 20, p. 30-46, 2018.

PRADO BITTENCOURT, Rodrigo. O lucro adiado: conceito essencial da sociologia da literatura de Bourdieu. **Estudos de Sociologia**, v. 22, n. 42, 2017.

PUCHNER, Martin. **O Mundo da Escrita: como a literatura transformou a civilização**. Editora Companhia das Letras, 2019.

SAPIRO, Gisèle. **Sociologia da literatura**. Belo Horizonte: Editora Contafios, 2019.

SEVÄNEN, Erkki. Literatura Moderna como forma de discurso e de conhecimento sobre a sociedade. **Sociologias**, v. 20, p. 48-85, 2018.

SOARES, Eliane Veras. Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, p. 81-92, 2014.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. Literatura e sociologia: relações de mútua incitação. **Sociologias**, v. 20, p. 16-28, 2018.

VILARINHO, Murilo Chaves. Algumas reflexões sobre o texto literário: elemento de representação da memória, aspecto para a conformação de estudos sociológicos da literatura. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 12, p. 188-194, 2019.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.